

ÁLEX ROVIRA  
FERNANDO  
TRÍAS DE BES

**A  
BOA  
SORTE**

CHAVES  
DA PROSPERIDADE

 Planeta

*Para os meus filhos, Laia, Pol e Mariona. E para todas as crianças para quem os contos são escritos. Mas também para a criança que, independentemente da nossa idade, temos sempre dentro de nós, porque nela reside a alegria e o amor pela vida, ingredientes imprescindíveis para criar e partilhar a Boa Sorte. Para os meus pais, Gabriel e Carmen, pelo seu amor e exemplo. E para todos os pais cujo amor pelos seus filhos se transforma na semente da Boa Sorte partilhada.*

*E para todos os seres humanos que fazem da sua vida uma entrega generosa ao outro, porque são o exemplo vivo de que os contos, como a vida, podem ter um final feliz e com sentido.*

**ÁLEX ROVIRA CELMA**

*Para Guillermo Trías de Bes, meu pai, com todo o meu amor e gratidão, pois ele ensinou-me as regras da Boa Sorte sem me contar qualquer fábula; fê-lo através do exemplo.*

*O meu pai é, sem dúvida, o principal motivo para que saiba que a Boa Sorte pode ser criada. Foi ele quem me fez ver que, no fundo, é uma questão de fé, generosidade e Amor, com maiúscula.*

**FERNANDO TRÍAS DE BES MINGOT**



# ÍNDICE

Nota editorial . . . . .	11
<b>Primeira parte: O encontro</b> . . . . .	13
<b>Segunda parte: A lenda do Trevo Mágico</b> . . . . .	27
I. O desafio de Merlim . . . . .	29
II. O Gnomo, Príncipe da Terra . . . . .	33
III. A Senhora do Lago . . . . .	43
IV. A Sequoia, Rainha das Árvores . . . . .	53
V. Ston, a Mãe das Pedras . . . . .	63
VI. O encontro dos cavaleiros no bosque . . . . .	73
VII. A Bruxa e o mocho visitam Nott . . . . .	77
VIII. A Bruxa e o mocho visitam Sid . . . . .	82
IX. O vento, Senhor do Destino e da Sorte. . . . .	86
X. O reencontro com Merlim. . . . .	92
<b>Terceira parte: O reencontro</b> . . . . .	99
<b>Quarta parte: Algumas pessoas que estão de acordo.</b> . . . . .	107
<b>Quinta parte: Decálogo, síntese e nova origem</b>	
<b>da Boa Sorte</b> . . . . .	113
A fórmula da Boa Sorte . . . . .	121



## NOTA EDITORIAL

**A**lex Rovira e Fernando Trías de Bes escreveram *A Boa Sorte*, o seu primeiro livro a quatro mãos. A sua intenção era a de escrever um livro que qualquer pessoa, de qualquer idade e em qualquer momento vital, pudesse ler. Ligeiro na sua forma e concentrado no seu âmago. Com tanto de simples quanto de difícil.

Tratava-se de uma fábula numa época que parecia a Idade Média e que decorria num local desconhecido. Os seus protagonistas eram dois cavaleiros: Sid e Nott, e a sua missão encontrar um trevo de quatro folhas.

Neste ofício, não há verdades absolutas, há, isso sim, algumas «leis» de mercado que todo o editor conhece e que indicam em que livros não se deve apostar. Os livros demasiado grandes, ou demasiado pequenos, os livros inclassificáveis, os que não encaixam num género ou não têm um público claro, e até os livros escritos por dois autores, costumam ter dificuldades em vingar e agarrar os leitores.

No entanto, aconteceu o impossível: 4 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, traduzido para 42 línguas, um fenómeno editorial. Hoje, *A Boa Sorte* é um clássico contemporâneo, mais atual que nunca.

O leitor tem nas suas mãos um texto inspirador cuja história é o exemplo vivo do que prega. Tinha tudo contra si e, no entanto, criou as circunstâncias que o tornaram possível.

Esperemos que os leitores portugueses apreciem esta fábula que desvenda as chaves da boa sorte e da prosperidade, tanto na vida pessoal como nos negócios.

PRIMEIRA PARTE

O  
**ENCONTRO**







**U**ma bonita tarde de primavera, Víctor, um homem de aspeto elegante e informal, foi sentar-se naquele que era o seu banco preferido do maior parque daquela grande cidade. Ali, sentia-se em paz, afrouxava o nó da gravata e apoiava os pés descalços sobre um tapete de trevos macio. Víctor, que tinha sessenta e quatro anos e um passado cheio de êxitos, gostava daquele lugar.

Mas aquela tarde seria diferente das outras; estava prestes a acontecer algo inesperado.

Aproximava-se do mesmo banco com a intenção de se sentar outro homem, também na casa dos sessenta, David. Tinha um andar cansado, talvez abatido. Adivinhava-se nele alguém triste, embora conservasse, à sua maneira, um certo ar de dignidade. David estava a passar uma má fase naquele momento. De facto, tinha passado muitos maus momentos nos últimos dias.

David sentou-se junto a Víctor e os seus olhares cruzaram-se. O estranho foi que tanto um como o outro, os dois ao mesmo tempo, pensaram que um

vínculo os unia, algo conhecido... muito distante, mas intimamente familiar.

– Tu és o Víctor? – perguntou David com cuidado.

– E tu o David? – respondeu Víctor, já certo de que reconhecia naquela pessoa o seu amigo.

– Não pode ser!

– Não acredito, depois de tanto tempo!

Naquele momento, levantaram-se, abraçaram-se e soltaram uma sonora gargalhada.

Víctor e David tinham sido amigos íntimos na infância, dos dois até aos dez anos. Eram vizinhos no modesto bairro onde deram os primeiros passos na vida.

– Reconheci-te devido a esses inconfundíveis olhos azuis! – explicou Víctor.

– E eu a ti devido a esse olhar tão límpido e sincero que tinhas há... há... cinquenta e quatro anos! Não mudou nada – respondeu David.

Recordaram e partilharam então histórias de infância e recuperaram lugares e personagens que julgavam esquecidos. Por fim, Víctor, que distinguia na expressão do amigo uma sombra de tristeza, disse-lhe:

– Velho amigo, conta-me como te correu esta vida...

David encolheu os ombros e suspirou:

– A minha vida foi um conjunto de absurdos.

– Porquê?

– Deves lembrar-te de que a minha família saiu do bairro onde éramos vizinhos quando eu tinha dez anos, desaparecemos um dia e nunca mais se soube de nós. Acontece que o meu pai herdou uma imensa fortuna de um tio afastado que não tinha descendência. Partimos sem dizer nada a ninguém. Os meus pais não quiseram que se soubesse que a sorte nos tinha favorecido. Mudámos de casa, de automóvel, de vizinhos, de amigos. Nesse momento, tu e eu perdemos o contacto...

– Então foi por isso! – exclamou Víctor. – Sempre nos perguntámos o que vos tinha acontecido... Receberam uma fortuna assim tão grande?

– Sim. Além disso, uma parte significativa do que recebemos como herança foi uma grande empresa têxtil em pleno funcionamento e com grandes lucros. O meu pai fê-la crescer ainda mais. Quando morreu, eu encarreguei-me dela. Mas tive muita má sorte. Foi tudo contra mim – explicou David.

– O que aconteceu?

– Durante muito tempo, não mudei nada, pois as coisas estavam a correr mais ou menos bem. Mas rapidamente começaram a surgir concorrentes por todo o lado e as vendas desceram. O nosso produto era o melhor, por isso tive a esperança de que os clientes se apercebessem de que os nossos concorrentes não ofereciam a mesma qualidade. Mas os clientes não per-

cebem nada de tecidos. Se percebessem de facto, ter-se-iam apercebido. Assim, lançaram-se aos produtos das novas marcas que iam surgindo no mercado.

David respirou fundo. Recordar aquilo tudo não era agradável. Víctor permanecia em silêncio, sem saber o que dizer.

– Perdi muito dinheiro, mas a empresa ainda estava sólida. Tentei reduzir os custos tanto quanto pude, mas quanto mais o fazia, mais as vendas baixavam. Estive prestes a criar uma marca própria, mas não me atrevi. O mercado pedia marcas estrangeiras. Isso levou-me ao limite. Como último recurso, pensei em abrir uma cadeia de lojas. Demorei muito a decidir-me e, quando o fiz, não consegui fazer face ao custo dos espaços, pois as vendas não os cobriam. Comecei a falhar pagamentos. Assim, tive de dar como garantia os ativos: a fábrica, os meus terrenos, a minha casa, todas as minhas propriedades... Tive tudo na mão, tive tudo o que sempre quis e perdi-o. A sorte nunca me acompanhou.

– O que fizeste depois? – perguntou Víctor.

– Nada. Não sabia o que podia fazer. Todas as pessoas que me tinham elogiado antes, agora viravam-me as costas. Andei entre um emprego e outro, mas não me adaptei ou não me souberam perceber... Chegou até uma altura em que passei fome... Sobrevivi durante mais de quinze anos como pude, ganhando a vida com

as quantias que obtenho a fazer recados e até recebendo ajuda de boa gente que me conhece, no bairro onde vivo agora. A má sorte esteve sempre comigo.

David não tinha vontade de continuar a falar, por isso perguntou ao seu amigo de infância:

– E a ti, como te correu a vida? Tiveste sorte?

Víctor esboçou um sorriso:

– Como te lembras, os meus pais eram pobres, mais pobres do que os teus quando vivias no bairro. As minhas origens são mais do que humildes, sabes bem, são precárias. Muitas noites não tínhamos o que comer. Por vezes, até, a tua mãe trazia-nos alguma coisa porque sabia que, em nossa casa, as coisas estavam más. Como também sabes, não pude ir para a escola, por isso estudei na universidade da vida. Comecei a trabalhar com dez anos, pouco tempo depois de a tua família e tu desaparecerem misteriosamente.

«Comecei a lavar automóveis. Depois trabalhei num hotel, como paquete. Mais tarde subi de categoria e trabalhei como porteiro em vários estabelecimentos de cinco estrelas... Até que aos vinte e dois anos me apercebi de que *eu poderia ter sorte, se me predispuesses a isso.*

– Como o fizeste? – perguntou David, com um tom que misturava curiosidade com ceticismo.

– Comprei uma pequena oficina que estava prestes a fechar portas. Comprei-a com um crédito e todas as

poupanças que tinha. Era uma oficina que fabricava malas em pele. Eu tinha-as visto de todo o tipo nos restaurantes e hotéis luxuosos em que trabalhei. Por isso, sabia do que as pessoas com dinheiro gostavam. Só tinha de produzir o que tantas vezes tinha visto levar quando trabalhava como empregado.

«No início, eu encarregava-me da produção e da venda. Trabalhei noites e fins de semana. O primeiro ano correu muito bem, mas reinvesti tudo o que ganhei para comprar mais materiais e para viajar pelo país para ver o que se fabricava noutros sítios. Tinha de saber mais do que toda a gente sobre malas em pele. Aprendi muito a visitar lojas. Perguntava a toda a gente que via com uma mala o que gostava e o que não gostava na sua...

Víctor recordava com paixão aqueles primeiros anos. Prosseguiu:

– As vendas foram crescendo. Durante dez anos reinvesti tudo o que ganhei. Procurei oportunidades onde pensei que as poderia ter. Alterei todos os anos os modelos das minhas malas que mais se vendiam, nunca foram iguais. Nunca deixei um problema de fabrico para o dia seguinte. Tentei ser a causa de tudo o que acontecia à minha volta. Fui adquirindo uma oficina a seguir à outra, depois chegaram as fábricas. Por fim, consegui criar um negócio próspero.

Na verdade, não foi simples, mas o resultado final supera o que imaginava inicialmente.

David interrompeu-o nesse ponto e frisou a última observação:

– Não será, na realidade, que tenhas tido muita sorte?

– Acreditas nisso? Realmente, acreditas que só tive sorte? – exclamou Víctor surpreendido.

– Não quis aborrecer-te nem menosprezar-te – explicou David num fio de voz. – Mas é difícil acreditar que tu, só tu, és o motivo dos teus êxitos. A sorte sorri a quem o destino caprichosamente escolhe. A ti sorriu e a mim não. É só isso, velho amigo.

Víctor ficou pensativo. Ao fim de um momento, respondeu-lhe:

– Olha, eu não herdei nenhuma grande fortuna, mas recebi algo muito melhor do meu avô... Sabes a diferença entre a sorte e Boa Sorte, com maiúsculas?

– Não a conheço – respondeu David, sem mostrar interesse.

– Aprendi a diferença entre a sorte e a Boa Sorte com um conto que o meu avô me contava quando vivia conosco. Pensava muitas vezes e ainda continuo a pensar que esse conto mudou a minha vida. Acompanhou-me em momentos de medo, de dúvida, de incerteza, de confusão e também em momentos de alegria, de felicidade,

de gratidão... Graças a este conto, decidi comprar a oficina com o fruto de seis anos de esforço apaixonado e de poupança. Foi também este conto o gatilho de muitas outras decisões que depois se revelaram essenciais na minha vida.

Víctor continuou a falar, enquanto David, com a cabeça afundada entre os ombros, olhava para o chão.

– Talvez aos sessenta e quatro anos uma pessoa já não esteja para contos... mas nunca é tarde para ouvir alguma coisa que possa ser útil. Como diz o ditado: «Enquanto há vida, há esperança.» Se quiseres, posso explicar.

David manteve o silêncio, por isso Víctor prosseguiu:

– É um conto que tem ajudado muitas pessoas. E não só pessoas do mundo dos negócios, também empreendedores e profissionais de todas as áreas. As pessoas que aprendem e assumem a diferença entre a sorte fácil e a Boa Sorte obtiveram excelentes resultados nos empregos, nas empresas onde trabalham. A outros serviu, até, para cultivar um amor. Também ajudou desportistas, artistas, cientistas e investigadores... E digo-te porque o vi em primeira mão; já tenho sessenta e quatro anos e sou testemunha do efeito da lenda em muitas dessas pessoas.

David endireitou-se e falou, talvez movido pela curiosidade:

– Muito bem, diz-me: qual é a diferença entre a sorte e a Boa Sorte?

Víctor pensou antes de responder:

– Quando a vossa família recebeu a herança, tiveram sorte. Mas essa sorte não depende de uma pessoa, por isso também não dura muito. Só tiveste alguma sorte e essa é a razão para agora não teres nada. Eu, por outro lado, dediquei-me a criar a sorte. A sorte, por si só, não depende de ti. A Boa Sorte só depende de ti. Esta última é verdadeira. Receio que a primeira não exista.

David não acreditava no que ouvia:

– Estás a dizer-me que a sorte não existe?

– Certo... Digamos que existe, sim, mas é tão improvável que é em vão esperar que chegue precisamente a ti, a qualquer pessoa. E se, mesmo assim, chegar, não dura muito, é passageira. Sabias que quase noventa por cento das pessoas que ganharam a lotaria não demoraram mais de dez anos a arruinar-se ou a voltar a estar como estavam antes de a ganharem? Por outro lado, a Boa Sorte é possível sempre que te proponhas a isso. Por isso se chama Boa Sorte, porque é a boa, a verdadeira.

– Por que razão é verdadeira? Qual é a diferença? – insistiu David. Começava a sentir-se muito intrigado com as palavras do amigo.

– Queres ouvir o conto?

David hesitou por um momento. Afinal, embora não pudesse voltar atrás, não perdia nada em ouvir. Além disso, era agradável para ele que o seu melhor amigo de infância lhe contasse, aos sessenta e quatro anos, um conto. E não só isso, há demasiado tempo que ninguém lhe contava nada, como se ainda fosse uma criança.

– Muito bem, conta – acedeu, por fim.